

História e identidade na literatura africana em língua portuguesa: considerações sobre as obras poéticas de Agostinho Neto e Mia Couto

History and identity in African literature in Portuguese: considerations on the poetic works of Agostinho Neto and Mia Couto

Robério Américo do Carmo Souza*

Resumo

O presente artigo toma a produção poética dos escritores Agostinho Neto e Mia Couto como fonte/objeto para realizar uma reflexão sobre a importância da literatura para história das sociedades africanas de língua portuguesa, dando especial ênfase às contribuições da literatura africana em língua portuguesa para a construção e a consolidação de identidades em contextos sócio-culturais marcados pela fragmentação, bem como por uma forte e rica tradição oral de construção e transmissão do conhecimento.

Palavras-chave: Literatura. História. Identidade. África.

Abstract

This article takes the poetry of writers and Mia Couto Agostinho Neto as source/object to hold a discussion on the importance of literature to the history of Portuguese-speaking African societies, giving special emphasis to the contributions of African literature in English language for building and consolidation of identity in socio-cultural contexts marked by fragmentation, as well as a strong and rich oral tradition of construction and transmission of knowledge.

Keywords: Literature. History. Identity. Africa.

* Doutor em História Social pela UFF, professor de História da África BHU/UNILAB. E-mail: americossouza@unilab.edu.br

Introdução

A busca de novas formas de escrever e ensinar História tem levado os historiadores a um universo diferente do que era experimentado até bem pouco tempo atrás. A História foi construída como uma disciplina em que a contemporaneidade estava inserida sem muitos mistérios, mas com muito enfado.

De um lado, a preocupação com o ensino fez com que os professores se dedicassem à busca de alternativas para os métodos cansativos e monótonos dos pedagogos e historiadores tradicionais, que estavam mais preocupados com a doutrinação cívica do que propriamente com a construção de um saber útil à vida cotidiana.

De outro lado, os rescaldos da década de 1960 traziam uma tendência à manipulação da História como uma bandeira de luta, um instrumento nas mãos de revolucionários de todos os matizes para confirmar suas expectativas diante da transformação inevitável da sociedade de consumo.

A ressaca desses debates trouxe uma serenidade estranha, que gera uma aparente tranquilidade teórica e metodológica, mas também uma inquietação permanente na busca de novas fontes, novos objetos, enfim, novas formas de escrever- ensinar História.

No afã de buscar a História esteja onde estiver, os historiadores invadiram certas reservas de mercado acadêmico, pulando as cercas que nos separavam dos literatos, dos antropólogos, dos folcloristas, para não dizer de outros profissionais que agora se voltam para a História, como um baluarte seguro da razão diante da fragmentação pós-modernista das referências teóricas e históricas.

Neste caminho, que agora trilhamos, outras fontes de pesquisa se unem a novas técnicas de ensino, configurando um campo bastante amplo do fazer historiográfico, no qual por vezes nós mesmos nos perdemos.

Dentro deste movimento de alargamento das possibilidades de trabalho do historiador, em especial sob a chancela da história social e da história cultural, o estudo das manifestações estéticas de um período ou contexto histórico determinado tem ganhado espaço e trazido grandes benefícios à produção do saber. Entre as novas frentes de reflexão historiográfica nascidas desse movimento, o estudo da literatura como objeto privilegiado para uma maior e melhor compreensão da história é por certo um dos que mais tem se desenvolvido.

Ao aceitar o desafio de refletir sobre o diálogo entre história e literatura na África de língua portuguesa, busco inserir-me nesta perspectiva, que toma a cultura como o cerne no movimento histórico.

1 Literatura como resistência e afirmação de uma identidade negra

Assim como as demais formas de manifestação/construção da cultura, a literatura tem sua produção inserida em um determinado contexto histórico, com o qual ela dialoga.

A construção de diferentes movimentos de resistência à ocupação da África pelos europeus, bem como em prol da luta pelos direitos dos negros e contra o racismo dentro e fora da África, teve um papel seminal no surgimento e desenvolvimento de uma literatura engajada e militante na primeira metade do século XX.

Dentre esses movimentos, merece destaque o pan-africanismo, que surgiu na América, ainda no século XIX, como forma de resistência de grupos de afrodescendentes nos Estados Unidos e no Haiti. O pan-africanismo pode ser definido como um esforço em prol da construção e afirmação de um passado para a “etnia negra”, à qual os participantes do movimento reclamavam pertencer e buscavam valorizar, em clara oposição ao sentimento e prática de inferiorização dos africanos e afrodescendentes que reinava no Ocidente (SANTOS, 2010, p. 1).

O discurso pan-africanista procura realizar a valorização de um “passado comum” de todos os africanos e afrodescendentes, como também preconiza um futuro de glórias a serem conquistados a partir da união africana.

Na África, o pan-africanismo ganha força após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando o monopólio europeu sobre as ideias de civilização e modernidade passam a ser duramente criticados, dentro e fora da Europa, e surge, entre os diversos povos africanos, novos espaços de contestação à colonização.

A despeito da grande contribuição que deu na construção inicial de movimentos contra a ocupação europeia da África e de valorização da cultura negra (conceito forjado dentro do pan-africanismo), o pan-africanismo perdeu força política após as independências que tornaram as colônias europeias na África em países, nações soberanas, agora dedicadas à construção de sentimentos nacionalistas, que não comportavam o discurso de uma África

unificada. Muitos estudiosos do tema, como Edem Kodjo e Kwame Appiah, criticam o pan-africanismo, por compreender que, ao preconizar a ideia de África unificada desconsiderava a imensa diversidade e contradições internas de cada um dos países surgidos do processo de descolonização, que foi pautado por lutas de libertação fragmentadas, motivadas por ideais nacionalistas, muitas vezes apropriados da cultura política do colonizador.

Controverso como todo movimento político-cultural tão amplo, o pan-africanismo inspirou uma pujante produção literária no início do século XX.

Inspirados em importantes lideranças do pan-africanismo dos EUA, como Alexandre Crummel e W. E. Du Bois, considerados os mais importantes defensores do orgulho racial e na volta à “origens negras”, um grupo de escritores criou, em 1920, em Nova York, um movimento artístico-literário chamado *New Negro*, cuja proposta era “exorcizar” os estereótipos e preconceitos disseminados contra os negros no imaginário social. Os escritores que participavam desse movimento enalteciam a cor do povo negro em suas obras, como é o caso de Claude Mackay e Richard Wright.

A partir dos Estados Unidos, esta corrente literária espalhou-se, chegando a outras partes do continente americano e à Europa, onde, em Paris, um grupo de estudantes negros fundou, em 1932, a revista *Légitime Défense*. Esta revista teve apenas um número, mas tornou-se um ícone do movimento de denúncia da opressão racial vivida pelos imigrantes negros no Velho Mundo.

Inspirada na *Légitime Défense*, surgiu, em 1934, também em Paris, a revista *L'Etudiant Noir* que, sob a liderança de Léon Damas, defendia o comunismo, o surrealismo e a volta às raízes africanas como instrumento de libertação das colônias e do povo negro fora da África. É dentro da *Légitime Défense* que surge a ideologia da *negritude*, que se pôs em defesa da consciência negra e em oposição à dominação cultural e à opressão do capitalismo colonial.

A negritude constituiu-se em movimento de grande amplitude, presente na Europa, na América e na África. Como explica Diva Damato, o movimento teve como foco central, nos seus primeiros anos, a busca da positivação do sentido de “negro”, a partir da ideia de orgulho racial, o que permite vinculá-lo à tradição pan-africanista de Du Bois. (DAMATO, 1983; 34)

Com o tempo, o objetivo do movimento negritude foi ampliado. Além da construção de uma consciência negra, seus adeptos passaram a lutar pela

libertação das colônias africanas do julgo europeu. Ultrapassando os marcos tradicionais da literatura, a negritude encampou a luta pela conquista do poder, pela independência dos povos africanos e contra o imperialismo. A crítica poética assumiu um caráter mais político. Nessa fase, iniciada por volta da década de 1950, o movimento impulsionou ideologicamente a luta das organizações políticas africanas contra a colonização europeia.

É naquele contexto de uma literatura engajada na luta pela libertação do domínio colonial que emerge, em Angola e em Moçambique, respectivamente, a obra poética de Agostinho Neto e Mia Couto.

2 Literatura e História na África de Língua Portuguesa

Fruto da oralidade, forma tradicional do povo africano passar de geração a geração seus conhecimentos, a literatura africana em língua portuguesa nasceu como uma espécie de “grito ao mundo”, grito de um povo vitimado e abandonado pelo processo de colonização. Nasceu também, como um meio de se reconstruir culturas que durante muito tempo mantiveram-se desenraizadas, fragmentadas e coibidas pela lógica perversa da hierarquização cultural, característica fundante do imperialismo europeu.

Apesar dos percalços que encontrou pelo caminho, essa literatura contou com vozes eloquentes, que podem ser ouvidas até hoje. Agostinho Neto, Mia Couto, José Luandino Vieira e Pepetela, são alguns dos nomes que ajudam a escrever e a difundir não só as mazelas e o sofrimento de seus povos, mas principalmente, os sonhos, a cultura e a imensa beleza de suas culturas e sociabilidades.

A literatura africana em língua portuguesa, nascida no século XIX, desponta, portanto, como arauto da diversidade, da mistura de mitos e história recente, transformando-se, evidenciando que a arte é, a um só tempo, instrumento de construção, de desafio e de transformação da realidade, por mais penosa e cruenta que esta seja.

Neste artigo proponho uma reflexão sobre a relevância da literatura no processo histórico de (re)construção da África de língua portuguesa após o processo de descolonização, ou seja, a importância e o lugar que esta literatura ocupou em tempos de luta. Para tanto, realizo uma breve análise de poemas de dois importantes literatos africanos de língua portuguesa, Agostinho Neto e Mia Couto.

Segundo Deize Bebiano (2000), por muito tempo, o conhecimento africano foi transmitido por meio da literatura oral. Essa modalidade era vista com preconceito, mas com o passar dos anos, obteve reconhecimento em meio aos veículos culturais. A oralidade e o som até hoje possuem importante influência no continente africano, como nos ensina Pires Laranjeira, quando afirma que:

[...] Faz-se por esquecer que a África é ainda um continente da oralidade e do som, mais do que da escrita ou da imagem, e que privilegiar, portanto, a literatura escrita é, no mínimo, postergar as outras formas de criação literária para terreno da inferioridade discriminatória, da subserviência artesanal, o que permitiria avaliar os discursos críticos, quer dos próprios países dessas criações, quer dos exógenos, como autênticos baluartes de metalinguagens demagógicas ou de imprecisas hermenêuticas reducionistas. É hoje cada vez mais nítido que os objectos que perseguimos têm, há muito tempo, plena existência autônoma e concreta configuração, que somente por obnubilação ideológica, tradição reaccionária ou capciosa leitura continuam a ser lateralmente nomeados, num processo de ocultação cujas as raízes profundas, sempre reavivadas, mergulham no persistente desejo de tutela (LARANJEIRA, 1992, p. 36).

Em interessante estudo sobre literatura e nacionalidade na cultura moçambicana, Patrick Chabal aponta quatro fases de desenvolvimento da literatura africana em língua portuguesa. A primeira é a assimilação, em que os escritores copiavam os modelos de escrita europeus. A segunda é a resistência, na qual o autor se põe como construtor e defensor de uma cultura africana essencial. A terceira fase se encontra no período após a independência, onde o escritor procurava marcar seu lugar na sociedade. E por fim, a quarta, é a atualidade, em que há uma busca de se traçar os novos rumos para o futuro (CHABAL, 1994).

No período anterior a Independência, os escritores de Cabo Verde, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe viviam sob a influência do conflito entre a cultura africana nativa e aquela trazida pelo colonizador. Essa dualidade se refletia na escrita literária.

Os grandes momentos de ruptura com o colonialismo imperialista coincidiram com o surgimento de movimentos literários importantes ou de

obras de relevância para o desenvolvimento da literatura africana em língua portuguesa, em que se destacam a publicação da revista *Claridade* (1936-1960), em Cabo Verde, a publicação do livro de poemas *Ilha de Nome Santo* (1942) de Francisco José Tenreiro, em São Tomé e Príncipe, o movimento “Vamos descobrir Angola” (1948) e a publicação da revista *Mensagem* (1951-1952), em Angola, a publicação da revista *Msafo* (1952), em Moçambique; a publicação da *Mantêncas para quem luta!* (1977) pelo Conselho Nacional de Cultura, em Guiné-Bissau.

Isto tudo evidencia com clareza a impossibilidade de se separar forma e expressão literárias de seus contextos e desdobramento histórico, por mais que muitos autores e críticos digam o contrário. Não se trata de reduzir a obra literária ao momento histórico em que foi produzida, nem de negar a importância basililar da subjetividade de seu autor na elaboração do texto, mas sim de apontar e valorizar o lugar social ao qual ela umbilicalmente se vincula.

Em Angola, como nos ensina Deize Bebiano, nas décadas de 1950 e 1960, período anterior à independência, a busca pela identidade foi feita através da poesia. Os temas mais enfatizados eram aqueles que remetiam à solidariedade, aos ancestrais, à infância, entre outros. (BEBIANO, 2000). Nessa época surgiram grandes poetas como Agostinho Neto, Viriato da Cruz e António Jacinto. A poesia foi um instrumento importante durante a luta nacionalista.

Em um interessante livro sobre narrativa, Paul Ricoeur pondera que:

A identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma sobre a si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual a coletividade se encontra (RICOEUR, 1994, p. 432).

Na contemporaneidade, o duro e conflituoso movimento das sociedades libérrimas do julgo da colonização portuguesa em prol da (re)invenção de identidades nacionais não abriu mão da preservação da língua portuguesa como elemento de integração cultural, social e política dos povos colonizados.

A literatura que hoje se produz em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, nos lembra Pires Laranjeira, é escrita fundamentalmente em português e também, ainda que com menor incidência, em crioulo. A produção em língua crioula ocorre especialmente em Cabo

Verde, onde há uma considerável tradição neste sentido. Laranjeira ressalta, ainda, a importância de atentarmos para o fato de que o português trazido pelo colonizador sofreu influências, especialmente na fala, dos diferentes idiomas crioulos, e isso afetou e afeta a produção literária. Desde o início, a literatura angolana, por exemplo, trilhou dois caminhos distintos: por um lado, atinha-se ao padrão culto de Lisboa; por outro aventurava-se pela convivência de línguas e falares. Até hoje, essa dupla via de desenvolvimento tem-se mantido, dela resultando um manifesto enriquecimento do patrimônio cultural, esteticamente estimulante e documentalmente diversificado. (LARANJEIRA, 1992, p. 42)

A literatura pode, assim, se compreendida como um rico e poderoso vetor para contornar os percalços sofridos pelo povo africano no decorrer de seu processo histórico e como instrumento de construção e desconstrução da realidade social a que se vincula, como bem evidencia o papel destacado que teve e tem na construção e consolidação de identidades nacionais nos países africanos de língua portuguesa.

3 “Gritos ao mundo”

Nascida através de vozes diversas, mas unidas pelo mesmo ideal, a literatura africana em língua portuguesa transmite não apenas as mazelas e o sofrimento de seu povo, como também o sonho de liberdade, a luta pela independência, suas riquezas e belezas que ao longo dos anos foram traduzidos em prosa e em versos, ultrapassando as fronteiras desse continente e ajudando a escrever a sua história.

Como bem asseveraram Rita Chaves e Tânia Macedo, em resposta ao questionamento sobre qual o lugar que pode ocupar a literatura em um continente devastado pela miséria, pelo analfabetismo, pelos conflitos armados e pela precariedade de vida, como a África,

Se nos deixarmos levar pela lógica das estatísticas, temos de assinalar que, de fato, a atividade literária na África não supera a marca do traço. Porém, segundo Mia Couto, um de seus mais prestigiados escritores, essa duríssima realidade não pode ser vista como um impedimento para o lugar de sonho que a literatura também pode abrigar (CHAVES; MACEDO, 2007, p. 44).

Para analisar o papel da Literatura dentro do contexto em que vivia e ainda vive a África de língua portuguesa passemos a reflexão sobre as obras poéticas de Agostinho Neto e Mia Couto.

Poeta africano, nascido em Angola no ano de 1922, Agostinho Neto é, sem dúvida alguma, um dos maiores representantes da literatura africana em língua portuguesa. Não tem como conhecer a literatura angolana sem conhecer sua poesia.

Formado em Medicina pela Universidade de Lisboa, foi na política e na poesia que Agostinho Neto atuou de forma mais intensa. Ligado à atividade política em Portugal, juntamente com Lúcio Lara e Orlando de Albuquerque, fundou a revista *Movimento* em 1950. Assim como vários outros escritores africanos, acabou sendo preso e deportado para Cabo Verde. Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), foi o primeiro presidente do país após Independência.

Agostinho Neto foi definido por Dalva Maria Galvão Verani como:

Poeta da hora revolucionária, combatente da luta anticolonial, primeiro presidente da República Popular de Angola, sua obra, ultrapassando os limites da história literária, confunde-se com a própria história recente do país. Condição pelas dificuldades do momento em que foi escrita, tanto a construção, quanto a publicação desta obra se dão de forma esparsa e irregular (VERANI, 2000, p. 38).

Sua poesia é engajada, de cunho denunciador, registrando em versos as vivências do homem angolano, representando o como a resistência ao jugo colonial se fez presente também na literatura. Tem como uma de suas características mais fortes fato de não falar só do passado e do presente, ma, e principalmente, procurar fazer reflexões e propostas para o futuro.

Podemos encontrar sua obra poética em quatro livros principais, que até o momento não apresentam edições brasileiras: *Quatro Poemas de Agostinho Neto* (1957); *Poemas* (1961); *Sagrada Esperança* (1974) e a obra póstuma *A Renúncia Impossível* (1982).

Neto escreve de angolano para angolano, de vítima da colonização e do racismo para vítima da colonização e do racismo. Não em uma linguagem em que predominam os traços de uma vivência revanchista, mas em uma que precisa ser lida através dos simbolismos, linguagem escrita com o intuito de

destacar o negro dentro do contexto de luta pela construção de novos laços de sociabilidade e por novas referências de pertencimento. Assim, Neto não escreve para as classes altas, nem para os intelectuais, mas para o povo angolano, negro em sua quase totalidade; escreve para seus irmãos.

Estes traços da poesia de Agostinho Neto estão bem evidente em seu poema, *Consciencialização*, que faz parte do livro *Sagrada Esperança*, publicado em 1974.

Consciencialização

Medo no ar!
Em cada esquina
Sentinelas vigilantes incendeiam olhares
Em cada casa
se substituem apressadamente os fechos velhos
das portas
e em cada consciência
fervilha o temor de se ouvir a si mesma
A história está a ser contada
de novo
Medo no ar!
Acontece que eu
homem humilde
ainda mais humilde na pele negra
me regresso África
para mim
com os olhos secos.¹

Nos versos de *Consciencialização*, Agostinho Neto expressa o medo, o terror e a falta de liberdade que se faziam presentes entre os angolanos no processo de independência. Trechos como “Medo no ar! Em cada esquina

¹ Esse poema foi obtido no sítio eletrônico da Fundação Agostinho Neto: <http://agostinhoneto.org>.

sentinelas vigilantes incendeiaram olhares em cada casa...”, ou, “...se substituem apressadamente os fechos velhos das portas e em cada consciência fervilha o temor de se ouvir a si mesma...”, cumprem o duplo papel de denunciar e registrar para a posteridade o drama da experiência vivida pelo povo angolano naquele momento, em que o controle social e político arbitrário dava a tônica da relação entre a autoridade colonial e sociedade colonizada.

Podemos observar também que, no decorrer do poema, a presença da questão da cor se faz pujante, pois o autor afirma que já é um homem de origem humilde e se faz mais humilde ainda pelo fato de ser negro, não por ele, pois tem orgulho de sua cor, mas por aqueles que se consideram superiores. Aqui o poeta revela sua plena compreensão de um dos princípios fundantes do colonialismo europeu da África: a redução da grande diversidade étnica e linguística dos povos africanos a um denominador comum, a cor negra da pele que, tomada como evidência incontestável para interiorização física e mental dos africanos, figurou como elemento legitimador da dominação europeia.

Nesse poema Agostinho Neto consegue nos transmitir a angústia e o aprisionamento que afligiam seu povo. Medo, opressão, falta de liberdade, humilhação, miséria, entre outros. Finaliza o poema com um grito não só de dor, mas principalmente de esperança, que se mantém viva graças ao amor e confiança que deposita em sua terra.

Outro escritor africano de língua portuguesa que reflete sobre a relação do homem africano com sua terra é Mia Couto.

Nascido em Moçambique, em 1955, Mia Couto é considerado um dos escritores mais importantes de seu país. Mia Couto é hoje, talvez, o escritor africano de língua portuguesa mais lido fora da África, mesmo aqui no Brasil, onde o interesse pela literatura estrangeira contemporânea é quase restrito aos *bestesellers*, não é difícil encontrar que conheça sua obra. Muito embora tenha conquistado maior projeção internacional e maior aquiescência da crítica com a prosa, é em sua obra poética que se apresenta de um modo mais intenso e vibrante a reflexão a relação do povo moçambicano com seu país e suas referências identitárias.

A obra de Mia Couto é caracterizada pela descrição da relação da natureza humana com a terra. Para ele, a dura realidade experimentada no cotidiano dos povos africanos, não pode servir de impedimento para o lugar do sonho que a literatura pode e deve abrigar. Para observarmos a maneira como o poeta

consegue captar e transmitir a beleza daquilo que o cerca, escolhemos o poema *Para Ti*, do livro *Raiz de orvalho e outros poemas*, publicado originalmente em 1983:

Para ti

Foi para ti
Que desfolhei a chuva
Para ti soltei o perfume da terra
Toquei no nada
E para ti foi tudo
Para ti criei todas as palavras
E todas me faltaram
No minuto em que falhei
O sabor do sempre
Para ti dei voz
Às minhas mãos
Abri os gomos do tempo
Assaltei o mundo
E pensei que tudo estava em nós
Nesse doce engano
De tudo sermos donos
Sem nada termos
Simplesmente porque era de noite
E não dormíamos
Eu descia em teu peito
Para me procurar
E antes que a escuridão
Nos cingisse a cintura
Ficávamos nos olhos
Vivendo de um só olhar
Amando de uma só vida

Trata-se de um poema de amor, onde o eu lírico descreve tudo que fez em nome da pessoa amada, ou seja, todos os sentimentos e pensamentos envolvidos por essa paixão. Mia Couto faz usos de expressões originais como, “desfolhei a chuva”... “soltei o perfume da terra”... “abri os gomos do tempo”; dando a sua poesia um caráter simplesmente único, relacionando intimamente a natureza humana com a terra.

É visível a presença de antíteses como em “toquei no nada e para ti foi tudo”... “para ti criei todas as palavras e todas me faltaram”... “nesse doce engano de tudo sermos donos sem nada termos”. Com o uso de todas elas, ele coloca no papel as naturais contradições humanas, onde se é tudo e nada ao mesmo tempo.

Com uma linguagem única e rica, o poema consegue expressar, de maneira fértil e provocadora, percepções e interpretações a cerca de coisas que muitas vezes passam despercebidas aos nossos olhos. Mia Couto consegue enxergar a beleza interna que as mais diversas coisas e pessoas possuem.

A poesia de Couto consegue levar ao mundo a mensagem de que é possível sim, construir sonhos e encontrar inúmeras belezas na imensa e diversificada África, a despeito, das tantas e tamanhas adversidades que hoje afligem o seu povo, porém, sem esquecer-las ou diminuí-las, apenas substituindo a passividade da lamúria pelo vigor proativo da esperança. Esperança que motiva e é motivada pela visão do belo e pelo vivenciar do amor e do sonho.

É no reconhecimento da beleza e na defesa do direito de sonhar que podemos localizar, na poesia de Mia Couto, um movimento estético na direção da construção de uma autoestima, de uma autopercepção positiva entre os moçambicanos, elementos basilares para a existência de uma identidade coletiva capaz de ir a luta pelo direito de se autogovernar, de tomar para si as rédeas da construção do seu futuro.

Considerações finais

A literatura africana em língua portuguesa teve e tem um rico e seminal papel na construção histórica e cultural das ex-colônias portuguesas da África.

Apropriando-se da língua do colonizador-opressor, escritores têm, de modo criativo e inventivo, construído, ao longo das últimas quatro décadas, construído uma tradição literária que se manifesta de modo próprio em cada país

e assume formas únicas na subjetividade de cada autor, mas que também é toda ela perpassada pelo esforço de pensar o povo, a cultura, a terra, e suas necessárias relações na conjunção de sentimentos de solidariedade e pertencimento, na construção de identidades nacionais.

Aspecto também marcante dessa nova tradição literária é o reconhecimento da força que o projeto colonialista ainda possui sobre as populações das ex-colônias, influenciando sobre ideias e comportamentos, e o esforço de desconstrução disso por meio de uma escrita que busca afastar, mesmo exorcizar, fantasmas resultantes do terror vivenciado no período colonial, especialmente nos anos de guerra.

Este movimento ou tendência, como se queira nominar, se mostra de forma latente nas literaturas angolana e moçambicana, especialmente nas obras dos autores aqui abordados. Nelas a contribuição para forjar uma identidade nacional que requalifique positivamente o olhar e a compreensão que angolanos e moçambicanos têm sobre si e sobre o lugar em que vivem se evidencia pelo papel que desempenham na (re)construção das culturas historicamente marcadas pela fragmentação e pela depreciação frente aos valores do colonizador.

Em suas obras, Agostinho Neto e Mia Couto buscam nas raízes culturais, especialmente na tradição oral de suas gentes, elementos que os identifiquem e os consolidem como povo.

Para nós, não africanos, a lição maior a ser aprendida com Neto e Couto é de que a realidade cruel que hoje experimentam não apenas as ex-colônias portuguesas, a África negra como um todo, não deve ser considerada como um empecilho, e sim um desafio, não só para a literatura, mas para toda forma de expressão humana (artística ou não), da possibilidade de se reinventarem pondo foco na busca por ser capaz de contribuir para manter viva a esperança em um futuro melhor.

Referências

AGOSTINHO NETO, A. *A sagrada esperança*. Disponível em: <<http://agostinhoneto.org>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

BEBIANO, Deize Pereira. *Língua portuguesa e identidade nacional em José Luandino*. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/291-1-%C3%ADngua-portuguesa-e-identidade-nacional>>

emjos%C3%A9-luandino-vieira.html?tmpl=component&print=1>. Acesso em: 12 abr. 2011.

CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Veja, 1994.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. Caminhos da ficção da África portuguesa. *Biblioteca Entre Livros: Vozes da África*, São Paulo, n. 6, p. 44-51, 2007. Edição especial.

COUTO, Mia. *Raiz de orvalho e outros poemas*. Lisboa: Caminho, 2001.

DAMATO, Diva Barbaro. Negritude/negritudes. *Através*, São Paulo, n. 1, p. 112-129, 1983.

HAMILTON, Russell G. *Literatura africana, literatura necessária, II: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições 70, 1984.

LARANJEIRA, Pires. *De letra em riste: identidade, autonomia e outras questões nas literaturas de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe*. Porto: Afrontamento, 1992.

LÍSIAS, Ricardo. Como a resistência se fez pela literatura. *Biblioteca Entre Livros: Vozes da África*. São Paulo, n. 6, p. 58-61, 2007. Edição especial.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

RICOUER, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994. t. 1.

VERANI, Dalva Maria Calvão. Agostinho Neto: o lugar da poesia em tempo de luta. In: SALGADO, Maria Teresa (Org.). *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000. p. 23-25.

SANTOS, DonizthAparecido dos. Ressonâncias dos movimentos culturais negros na poesia de Oliveira Silveira. *Especulo: Revista de Estudios Literarios*. Madrid, n. 44, mar./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero44/index.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.